

Bom humor para lidar com as dificuldades iniciais

Arquivo Público

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Uma fazenda, onde estava sendo construído o Catetinho, casa que serviria de sede do governo federal provisoriamente até 1960. E pronto. Foi isso que o pioneiro Francisco Luiz de Bessa Leite encontrou quando chegou a Brasília, em outubro de 1956, para conhecer e, no mês seguinte, para morar. Vindo de Belo Horizonte, a convite de Israel Pinheiro, o advogado de 36 anos se viu em um local onde não havia luz, não havia estradas de ligações com Goiânia ou outra capital e a comunicação era feita apenas por meio de rádio para o Rio de Janeiro. “A única coisa que tinha aqui era mato. O resto nada tinha”, conta Francisco, que tinha que se locomover de jipe pela cidade.

Israel Pinheiro era amigo da família. Ele e Francisco já haviam trabalhado juntos outras vezes em Minas Gerais. Por isso, nada mais natural que o convite para ser o responsável pela chefia do setor de material do acampamento da Novacap, localizado nos fundos de onde hoje está o Zoológico. Logo que chegou ao acampamento, o advogado recebeu sua nova morada: uma barraca do exército. “Dei muita risada e tive que me lembrar dos meus tempos de escoteiro para poder armar aquela barraca”, conta Francisco. Ao fim da ma-

ratona de montagem, Francisco perguntou à cozinheira — “a única mulher do acampamento” — o que tinha para o jantar e ela disse que só tinha macarrão e que estava acabando. Resultado: no seu segundo dia em Brasília, Francisco teve que ir às compras. O único problema era a distância, pois a cidade mais próxima, onde havia um mercado, era Luziânia, e a viagem demorava cerca de seis horas. “Para não correr o risco de voltar a fazer essa viagem tão cedo, comprei todo o estoque do mer-

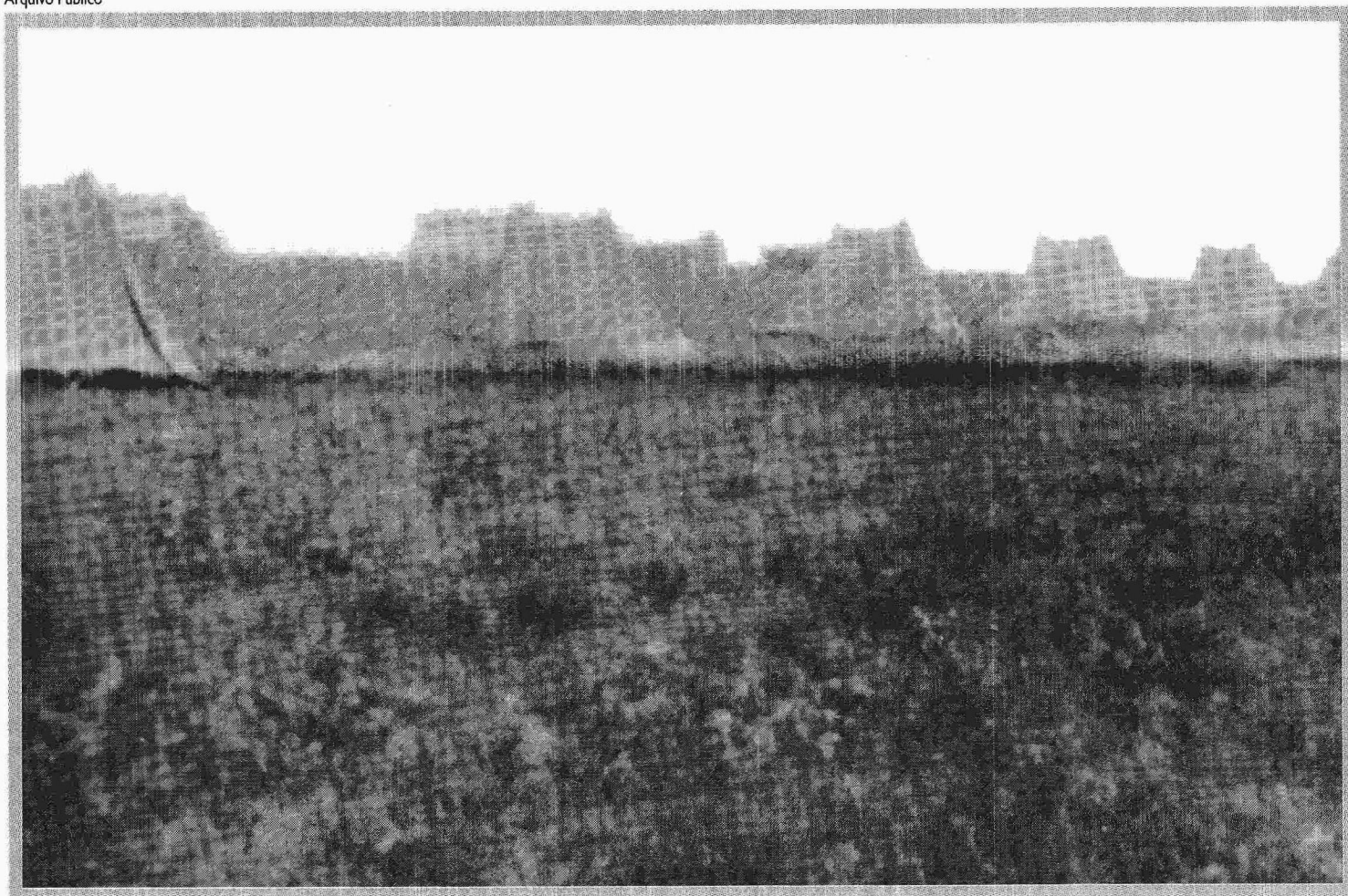
cado, o que incluía macarrão fabricado dois anos antes”, recorda-se Francisco. Precavido que era, ele também deu uma passada pela farmácia e, mais uma vez, comprou todo o estoque de caixas dos dois únicos remédios que tinham lá: aspirina e um laxante.

Além de ser o responsável pelo material do acampamento da Novacap, Francisco acabava sendo o chefe de tudo por lá. “Nesse início, eu era procurado para tudo. Fui de médico a delegado. Todos me respeitavam”,

ênfatiza. Uma das primeiras atitudes do pseudoprefeito do acampamento foi o desarmamento das pessoas que ali chegavam. “Muitos vieram armados e com a cabeça quente. Tudo podia acontecer. Por isso, recolhi as armas de todos e disse que o único que andaria com um revólver na cintura, para manter a ordem no local, seria eu”, lembra ele, ressaltando que as armas eram devolvidas a seus donos no momento em que eles deixavam o acampamento. Mesmo nos acampamentos vizinhos, Fran-

cisco era tido como uma pessoa de respeito. Certa vez, um recém-chegado o procurou apavorado dizendo que havia uma onça perto de sua barraca e que ele iria embora da cidade. Dito isso, o novato foi imediatamente para

FRANCISCO FOI CHEFE DO ACAMPAMENTO DA NOVACAP ANTES MESMO DE AS CASAS DE MADEIRA COMEÇAREM A SER CONSTRUÍDAS



Como chefe do setor de material do acampamento da Novacap, em 1956, Francisco cuidava de tudo. Foi o responsável pelo desarmamento do local para evitar violência

**FRANCISCO SÓ
TROUXE MARIA DO
ROSÁRIO PARA A
CAPITAL EM
CONSTRUÇÃO DEPOIS
QUE FORAM
ERGUIDAS AS
PRIMEIRAS CASAS DE
MADEIRA NO
ACAMPAMENTO**



o Catetinho avisar — via rádio, naturalmente — a Israel Pinheiro que não ficaria mais aqui. “Lembro-me perfeitamente que eram cerca de cinco horas da manhã quando fui acordado por essa pessoa. Mandei um empregado meu investigar e matar a onça. Mas ele descobriu que a onça era, na verdade, uma vaca prenha que estava presa em uma cerca”, diverte-se Francisco. Quando soube da confusão, ele foi ao Catetinho trazer o colega de volta, mas não teve jeito. “A notícia já tinha chegado ao Rio de Janeiro e à imprensa. A vaca acabou virando onça”, conta Francisco, às gargalhadas.

Preservação do Cerrado

O tempo foi passando e as barracas começaram a ser substituídas por casas de madeira. Para não acabar com as árvores da cidade, determinou-se que a madeira do cerrado não poderia ser utilizada nas construções. Mas Francisco descobriu que havia uma pessoa desrespeitando tal ordem. Quando ele chegou ao local onde estaria sendo construída a casa com a madeira de árvores daqui, deu ao morador 24 horas para que retirasse dali suas coisas para que a casa fosse derrubada. “Ele não acreditou muito que eu iria fazer aquilo, mas não tive outra opção. Mandei o trator passar por cima da casa com tudo dentro: geladeira, fogão”, conta o pioneiro, lembrando que a casa esmagada ficou intacta por quase um ano e era mostrada para as pessoas como um exemplo do que poderia acontecer com quem não respeitasse a orientação de não devastar o cerrado.

Somente depois da instalação das casas de madeira, em março de 1957, é que a esposa de Francisco, a professora Maria do Rosário de Bessa, e a primeira filha do casal, Maria Tereza, vieram para cá. Depois, o casal ainda teve mais três filhos, um que nasceu em Belo Horizonte e os dois últimos nascidos em Brasília.

Uma das armas que Francisco de Bessa Leite usava para transpor os obstáculos oferecidos pela nova cidade era o bom humor. Marca registrada desse pioneiro de 83 anos até hoje. Uma das provas de seu bom humor era a maneira com que lidava com a seca da cidade, uma das principais dificuldades enfrentadas na nova capital. “Adorava jogar um copo de água na terra para ver evaporar em menos de um minuto tão baixa era a umidade do ar”, lembra. Segundo Francisco, a seca só foi melhorar mesmo com o Lago Paranoá.

Um aspecto da cidade que chamou a atenção do pioneiro foi a irmandade que logo foi se formando aqui. O que ele chama de “o espírito Brasília”. Ca-

“**MUITOS VIERAM ARMADOS E COM A CABEÇA QUENTE. TUDO PODIA ACONTECER. POR ISSO, RECOLHI AS ARMAS DE TODOS E DISSE QUE O ÚNICO QUE ANDARIA COM UM REVÓLVER NA CINTURA, PARA MANTER A ORDEM NO LOCAL, SERIA EU**”

ronas eram dadas sem nem sequer saber para quem, favores eram pedidos, todo mundo se ajudava em troca de nada. “Estávamos todos juntos em busca do mesmo objetivo de entregar Brasília no prazo estipulado”, afirma Francisco. Mas essa camaradagem teve data exata para terminar: o dia da inauguração da cidade. Afinal de contas, o objetivo em comum já havia sido alcançado. “Senti muito quando tudo isso acabou. As pessoas começaram a se distanciar e a cidade estava cada vez mais cheia”, lamenta o pioneiro, que acabou indo morar em uma casa na W3 Sul.

Mas isso não tira de Francisco a admiração e — por que não? — o amor que ele tem pela cidade. Mesmo com tantos desvios do plano original, lamentados pelo pioneiro, e com a violência que cresce a cada dia. “Isso não tira a importância da cidade. Antes de Brasília, o Brasil só tinha olhos para o mar. Com a capital vindo para cá, o país voltou-se para o interior também”, finaliza, orgulhoso de ter participado dessa abertura de horizontes.

Raio X

Nome: Francisco Luiz de Bessa Leite
Idade: 83 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1956.
Profissão: Advogado. Trabalha na Subchefia de Assuntos Jurídicos do Palácio do Planalto
Esposa: Maria do Rosário de Bessa Leite
Filhos: Maria Tereza, Antônio Luiz, Adriana e Marcelo.
Netos: Marcela, Maria Eduarda, Mélanie, Maria Elisa, Matheus, Gabriela, Bernardo, Eduardo e Débora.